

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Mais vale rir, do que lagrimas
chorar; porque o riso é proprio do
homem.

RABELAIS.

Ora imaginem que ha mais de dez annos que os deuses me não haviam apropinquado a extraordinaria ventura e a suprema delicia, de assistir a uma representação do que para ahi chamam—a representação nacional.

Mas quiz a divina Providencia que eu este anno viesse a Lisboa, quando ainda aberto o seio da sobredita representação. E apenas salvo das garras aduaneiras e dos galfarros alfandegarios com que o Estado recebe todo o viandante que ousa entrar em Lisboa pelo caes das columnas,—o meu primeiro grito patriotico foi o seguinte:

—Cocheiro! Bate para a camara!...

—Para qual, patrão?

— Para aquella onde os sergios fraternisam com os paçõs, e onde os vieiras se abraçam a pimenteis demasiadamente e clandestinamente albertos...

— Mas onde fica isso?...

— Tu chamas *isso*, ao seio da representação nacional, ao sagrado e augusto armazem por grosso e a retalho das nossas liberdades e da nossa eloquencia? Pois atreves-te a chamar *isso*, ao templo onde todas as tardes se suppõe que 150 sacerdotes de sobrecasaca e luva preta, sem fallar nos matacões e guedelhas adjacentes, celebram o *Te-Deum* do patriotismo e os sacrificios dos impostos, do addicional, dos tabacos e das colonias?... Bate para S. Bento!

E minutos depois entrava eu por esse seio dentro...

*
* * *

E ainda ha quem diga, que em Lisboa não ha divertimentos!

Quando entrei n'uma d'essas galerias, da qual é licito e facultativo escutar, absorver e admirar o verbo inspirado dos nossos representantes; quando entrei, pé ante pé, muito de mansinho, como se entra n'uma igreja onde se reza em voz baixa, ou se entra no quarto d'um doente; quando entrei na galeria— uma voz divina subiu até meus ouvidos, voz que dizia claramente assim:

— «Senhor presidente! Aqui o digo á camara e ao meu paiz: é preciso que esse caminho de ferro se faça, pois que...»

Avancei mais um passo; e estendi cautelosa-

mente o pescoço, como quem do alto d'uma torre, tem medo de olhar para baixo, por causa das vertigens... Imaginem que cahia lá para dentro! Se não ficava sergio, ficava pelo menos castro para o resto da minha vida... Antes coxo, careca, ou maneta.

E quando olhei e investiguei o que diante de meus olhos se impunha, quem imaginam que eu vi, de pé, esguio e esguedelhado, amarello e transparente, parecendo fabricado de cêra e trapo, fazendo gestos como qualquer de nós, fallando como se fosse vivo, movendo-se como se fosse de carne e osso?...

O nosso querido, o nosso adorado, o nosso genial Alberto Pimentel! Aquelle a quem a dictadura fez cabo geral perpetuo da censura dramatica! (Aquelle que ha annos nos deu a desopilante noticia de que a Extremadura hespanhola estava sendo devastada por uma invasão de lagostas! Aquella mariposa de bigode e suissas pardas, que é capaz de saltitar por todos os assumptos; que em vinte e quatro horas nos escreve vinte e quatro volumes, tratando de vinte e quatro questões differentes, desde a interpretação da philosophia buddhica, os canaes e os habitantes do planeta Marte, a philosophia de Kant e de Hegel, as civilisações do Oriente, a historia de Chilperic, a musica de Beethoven, a esculptura de Miguel Angelo, a pintura de Rembrandt,—até... até... até ao modo de escrever esses vinte e quatro volumes, sem ser preciso ter uma idéa, uma opinião, ou mesmo uma phrase propria...

Eu tive a dita, apenas cheguei a Lisboa, de ver e de ouvir o nosso illustre Alberto:—Alberto, segundo uns; Pimentel, segundo outros!

Porque ha criticos, que sustentam que Alberto deve ser apenas Alberto; e ha outros que entendem, apoiados em toneladas da mais solida argumentação, que é preciso que tambem seja Pimentel, para que só Alberto seja grande, e Sergio o seu propheta...

*
* * *

Eu vi Alberto de pé, de frack e de mau parecer, por detraz do sr. Julio de Vilhena. Alberto estava defendendo o caminho de ferro de Mossamedes!

Todos sabem que Alberto é de si loquente... Mas o que decerto não sabem é que Alberto é eloquente por dois, por cem, por mil,—quando no seu discurso ha *rails*, wagons e locomotivas... É outro o nosso Alberto!

O sr. Pinheiro Chagas é grande e magestoso, quando na roleta da oratoria lhe sae como ponto—«aquella bandeira das quinas que...»

Mas Alberto é positivamente sobrenatural, apesar das suissas pardas, quando o seu discurso se inspira no silvo da locomotiva e no cheiro do carvão de pedra...

O que elle diz é assombroso! Os seus argumentos são inabalaveis, como o silencio diplomatico e canecense do sr. Hintze Ribeiro; e a sua eloquencia tem d'estas faiscações, irisações e scintillações que cegam um homem, caso não vá com oculos azues para a camara!

—«Senhor presidente! É preciso que este caminho de ferro se faça, porque nós somos os filhos do seculo em que se furou o monte Cenis, para dar

passagem ao comboio; do seculo em que o grande Lesseps furou o isthmo de Suez para dar passagem ao paquete que segue caminho das Indias, que até Adamastor chorou de magua ao ver semelhante coisa; porque, sr. presidente, estamos n'este seculo em que nada ha que se não transforme, que até o proprio morador de Lisboa vê com surpresa o elevador da calçada da Gloria!...»

Vozes:— *Apoiado! apoiado!*

* * *

N'este momento, fallando do elevador da calçada da Gloria, a proposito do caminho de ferro de Mossamedes, Alberto, o *pimentel*, era positivamente monumental! O proprio sr. Julio de Vilhena, em nome do governo, não pode resistir á tentação — e voltou-se... para o contemplar!

O argumento era decisivo. Desde o momento que a calçada da Gloria tinha um elevador, quem ousaria negar a sua approvação ao caminho de ferro de Mossamedes?...

Mas Alberto continuava de pé, amarello de eloquencia, resolvido a disparar mais alguns argumentos... Era preciso confundir os incredulos. E retomando o fio do discurso, Alberto declarou á camara que tambem se não devia contar com o commercio do marfim — «porque o elephante tende a desaparecer do interior d'Africa...»

*
* *

O' ministerio regenerador! O' governo presidido pelo sr. Serpa, mas guiado e mandado pelo sr. Lopo Vaz! Só agora posso fazer inteira justiça á tua dictadura — porque sem dictadura, ninguem jámais ouviria um Pimentel, de cabo a rabo!

Eu te saúdo, ó ministerio regenerador! Salvè, Dictadura, que te fizeste Dictadura por obra e graça de Lopo-Vaz, Lopo-Sampaio, Lopo-e-Mello, Lopo-Vaz-Sampaio-e-Mello! — para de teu ventre abençoado sair a onda de pimenteis e outros sergios que são lustre e gloria d'esse parlamento, d'essa feira da ladra — da ladra politica do nosso querido e abençoado paiz!

*
* *

Eu ouvi Pimentel — e n'esse momento Pimentel estava sendo o porta-voz do governo — horas depois de ter desembarcado de bordo de um vapor que me trazia de Bordeus.

E — mysterio insondavel da natura! — o discurso de Pimentel foi para mim mais terrivel que a agitada travessia do golfo de Gasconha... O mar revolto, os balanços desencontrados do vapor, o cheiro fartulento da cosinha de bordo, combinado com o cheiro das machinas, — provocou-me um enjôo de vinte e quatro horas.

Mas Pimentel é mais alteroso que o vasto ocea-

no, e a sua eloquencia dá mais balanço do que um navio das *Messageries Maritimes*...

E o enjôo por causa do Pimentel, ainda hoje me dura! E sinto que vou ficar enjoado por muito tempo, enquanto de novo Pimentel não pedir a palavra para me desenjoar de vez...

Porque discurso de Pimentel só se cura com discurso do mesmo Pimentel!

*
* *

Esta sessão da camara, que attento o calor de julho bem se lhe póde chamar camara ardente— a camara ardente do ministerio regenerador;— esta sessão da camara deu-me a medida da decadencia e da insignificancia do nosso parlamentarismo...

Pois quê! Um ministerio em dictadura, fazendo eleições á força de dezenas de contos de reis, para comprar ou esmagar o voto livre, não será capaz de arranjar cousa superior a tão mediocre e ridicula maioria?... Pois será possivel que em Portugal se não encontrem cem homens de cabeça limpa, com uma oratoria soffrivelmente ensaboada, mesmo exhalando uma pontinha de perfume, para honrarem a camara e não serem o escarneo e o ridiculo do nosso paiz?...

Francamente que formava melhor opinião do sr. Lopo Vaz,—o senhor e patrão do brigue *Regenerador!*

Politicamente, não posso vêr o sr. Lopo Vaz, porque logo me lembro do seu codigo penal que é um insulto á liberdade de consciencia, e do seu ul-

timo discurso na camara dos pares contra a instituição do jury, — o que é um insulto a todos os principios de egualdade e de liberdade que nós herdamos da Revolução franceza.

Mas á força de me affirmarem que o sr. Lopo — áparte os seus defeitos autoritarios — era um homem superior, cheguei a admittir que talvez fosse superior...

Agora não! Agora vejo que não póde ser superior, quem escolhe creaturas tão inferiores para constituirem a maioria.

*
* *

Mesmo quando todos saibamos que o parlamentarismo portuguez é uma ficção — nem por isso essa ficção póde deixar de ser apresentavel.

Todos os parlamentos do mundo teem uma tribuna chamada — do corpo diplomatico. Para essa tribuna vão os representantes dos Estados; e é d'alli que elles estudam e observam o estado dos espiritos, as correntes de opinião politica, e o grau de bom senso, de illustração e de moral em que se acha cada paiz. O resultado d'estas observações constitue as informações particulares sobre cada paiz, que os ministros e embaixadores estrangeiros enviam aos seus respectivos governos.

Pergunto:

— Quando uma maioria parlamentar conta como principal ornamento o sr. Alberto Pimentel, e quando sobre este orador se afere do estado mental dos outros deputados, que poderá dizer de nós para o

seu governo o ministro d'Inglaterra, o ministro de França ou o ministro de Hespanha? ...

Pergunto :

— Quando um governo se declara em dictadura, arranja a maioria parlamentar nas arcadas do Terreiro do Paço, gasta dezenas de contos em compra de votos e viola todas as manhãs a constituição, e tudo isto para nos mostrar uma *troupe* de nullidades nas cadeiras de S. Bento, — que juizo quer que façam d'esse governo os ministros acreditados em Lisboa, e como quer esse governo merecer a consideração dos governos estrangeiros? ...

* * *

Eu não sou diplomata, nem para Hintze caminho; mas com o bocadinho de entendimento que Deus me deu e com a impressão que me deixou esta camara, — comprehendo agora a razão do nosso descredito no estrangeiro.

É-nos mais fatal um tal governo desunido e dividido por mil ambições mais ou menos canecenses, e uma tal camara sem elevação, sem idéas, poeirenta, suada, desgrenhada, de unhas sujas e barba por fazer, — do que todos os portadores de titulos de D. Miguel e outros makololos parisienses e londrinos.

Com um ministerio, onde quem manda é o sr. Lopo Vaz, onde quem queria mandar era o sr. Hintze, onde quem nunca mandou foi o sr. Serpa; e com uma camara onde os projectos coloniaes do governo são defendidos por sergios, pimenteis e

outros paçõs-vieiras da situação, — que consideração poderemos nós merecer á Europa, que consideração poderemos nós merecer á Inglaterra e á França?

Respondem a isto certos scepticos do *Gremio* e outros Lumbraes da *Havaneza*, que é exaggero nosso, pois que a nossa lingua não é conhecida lá fóra.

Os septicos fallam assim, porque são supinamente e suinamente ignorantes. Basta pegar nos annuarios de politica externa que se publicam em inglez, francez e allemão, para ver o que se diz da nossa politica interna.

Basta pensar um instante que os jornaes inglezes, francezes e allemães, como o *Daily News*, o *Temps* e a *Gazeta de Colonia*, teem aqui em Lisboa correspondentes seus, fallando o portuguez como qualquer de nós, e sabendo de mais segredos e mysterios da capital do que qualquer folliculario indigena.

Elles sabem tudo quanto aqui se passa; o que se diz, o que se faz, e o que se projecta.

Só o sr. Franco Castello Branco nada sabe ácerca do nosso descredito no estrangeiro!

Só o sr. Hintze não sabe o meio de evitar que nas esquinas de Paris se não enlameie o nome portuguez!

Entre as noticias comicas que n'este momento circulam nas chamadas «regiões officiaes», a proposito das consequencias que podem resultar para o

governo da letra do tratado anglo-portuguez,—a que mais me deixa profundamente banzado é a da ida para Paris do sr. Hintze Ribeiro, na qualidade de ministro de Portugal junto do governo da Republica franceza!

Esta sobrecasaca de ferro que está hoje dando leis na chancellaria do Calhariz, emquanto os aca-sos da politica de novo o não arremessam para as solidões de Caneças; esta sobrecasaca de ferro, se assim me é permittido exprimir fallando d'um ministro dos estrangeiros que tem muito mais sobre-casaca do que tem diplomacia; esta sobrecasaca, digo, certa das duras condições coloniaes que a Inglaterra estipula no tratado, certa da indignação que esse tratado ha de levantar em todo o paiz, tenciona fugir aos assobios e á pateada do povo portuguez, escondendo-se na nossa legação de Paris —o que profundamente irrita o sr. Pinheiro Chagas, que ha muito alli deseja encontrar aposentadoria.

O sr. Hintze Ribeiro, pelo que se está passando, parece que aceitou o papel de *bode expiatorio*, com a condição expressa de ser largamente compensado pelo sacrificio.

Sabe que o tratado anglo-portuguez ha de ser desgraçadissimo e vergonhosissimo para nós.

Sabe que lord Salisbury nos ha de tratar com um d'estes desprezos que só se podem pagar a tiro.

Sabe que o povo portuguez não ha de admittir, sem grande protesto, esse tratado que a maioria ha de votar para vergonha nossa.

E sabe que tem fatalmente de dar a sua demissão, por se tornar incompativel com o sentimento nacional.

Ora no dia em que o sr. Hintze dér a sua demis-

são, o governo, em paga d'este sacrificio da sua incommensuravel vaidade, em paga do desgosto que tem o sr. Hintze de nunca poder vir a ser chefe do partido regenerador, — o governo nomeal-o-ha ministro de Portugal em Paris!

Para esse fim será aposentado o sr. marquez de Penafiel, nosso ministro em Berlim; e passará para Berlim o sr. Dantas, nosso ministro em França.

*
* *

E é assim que se dá cabo da nossa diplomacia, e do nosso prestigio no estrangeiro...

N'um paiz em que os bons diplomatas são tão raros como os poços de petroleo ou as minas de diamantes; quando precisamos da intelligencia, do bom senso e do patriotismo do nosso actual ministro em Paris para, no mais curto espaço de tempo, podermos destruir a triste impressão causada pela operação financeira de que foi Espirito Santo o sr. Franco Castello Branco; quando precisamos de todos os esforços da nossa diplomacia para sahirmos da triste situação em que nos collocou o desgraçado emprestimo de 9:000 contos, — sacrificar o sr. Dantas á vaidade e ás conveniencias do sr. Hintze Ribeiro, havemos de concordar que é triste, senão revoltante!

Mandar sahir do seu logar um ministro que possue excellentes relações na alta sociedade franceza; um ministro que conhece admiravelmente a vida politica, social e economica da França e da Inglaterra; um ministro que é o unico diplomata portu-

guez que póde resolver qualquer delicado assumpto junto do governo da Republica; e mandal-o para Berlim, onde Portugal nada tem que fazer, para ir occupar o seu lugar o sr. Hintze Ribeiro que, de toda a Europa, o que melhor conhece é Caneças ou o largo do Calhariz,—é soberanamente comico e tambem profundamente desconsolador.

*
* * *

Ora digam-me com toda a franqueza, os zabumbas da regeneração:

—Que idéa fará de nós o governo francez, quando vir que sacrificámos um illustre diplomata ao sr. Hintze Ribeiro, feito nosso ministro em Paris, em paga do desgraçado tratado colonial que a Inglaterra nos ha de impôr e o sr. Hintze ha de fazer votar em côrtes?...

Será isto porventura sério e correcto?... Então nós que precisamos recuperar o nosso credito e o nosso prestigio em França, havemos de mandar para alli o homem que ha de sair mais desprestigiado do governo, não só á face do paiz, mas á face de toda a diplomacia europêa?...

Estantos doidos, está doido o governo, ou está o governo empenhado em fazer do nosso paiz o ridiculo da Europa?...

*
* *

Hoje em dia, graças á dictadura, graças ao sr. Hintze e ás suas negociações com a Inglaterra, graças ao sr. Franco e ao seu desastrado emprestimo, graças a todos os erros praticados por este governo,— nós merecemos á Inglaterra, á França, á Allemanha, á Italia, tanta ou menor consideração do que lhes merece a Servia ou a Bulgaria.

O nosso governo — pelos seus disparates — merece tanta confiança no estrangeiro como o governo da regencia na Servia, ou como o governo do principe Fernando da Bulgaria. Se não temos no ministerio um Stambouloff para inventar um qualquer Panitza dos Santos, e mandal-o enforcar no largo do Pelourinho, como mineiro do throno e do altar — é porque o portuguez, mesmo quando é dictador, nunca perde as suas qualidades bonacheironas.

As nossas vinganças politicas nunca vão além de trez mezes de Limoeiro, ou dos rigores d'uma transferencia de Mangualde para Villa Nova de Portimão. O que não impede que saibamos fazer asneiras de primeira ordem, como poucos paizes fazem, e que são causa do nosso descredito em toda a Europa.

*
* *

Os nossos politicos andam actualmente com a monomania do disparate.

Concedo-lhes todos os disparates, mas de por-

tas a dentro, cada qual fazendo disparates em sua casa, com sua mulher e seus filhos.

Mas evitem os disparates e as tropelias á face da Europa!

Se o sr. Hintze tem de sahir do ministerio, — nomeiem-n'ó gran-cruz de todas as ordens; façam votar no parlamento uma boa somma para se lhe erigir uma estatua na Avenida, fazendo vis-à-vis á estatua de Fontes; proclamem-n'ó rei de Moçambique ou imperador de Caneças; votem-lhe nas camaras uma pensão annual de cem contos; — mas deixem o nosso ministro em Paris continuar a sua obra do levantamento do credito nacional, e não façam da legação de Paris o asylo dos invalidos de S. Bento!

Dêmos cabo de nós mesmos; suicidemo-nos á nossa vontade, se para ahi está voltado o espirito publico — o que me merece certas duvidas.

Mas, por Deus! — não convidem a Europa a assistir ao espectaculo nada edificante das nossas misérias, das vaidades balôfas e das intrigas da politica sertaneja . . .

Um bocadinho de pudor não fica nada mal — mesmo em plena decadencia!

Mariano Pina.

